

O BRASIL NA FAO

*** Roberto Rodrigues**

A FAO – Organização para a Alimentação e a Agricultura das Nações Unidas – é a instituição multilateral encarregada de liderar o movimento internacional para a erradicação da fome. Foi fundada em 16 de outubro de 1945 em Quebec, no Canadá, desde 1951 sua sede está em Roma, e hoje conta com 192 países membros. É um fórum neutro onde países ricos e pobres, desenvolvidos, em desenvolvimento ou não desenvolvidos se reúnem para debater políticas a serem implementadas para cumprir o mandato explicitado na sua missão que é alcançar a segurança alimentar para todos, com alimentos de boa qualidade que garantam vida ativa e saudável.

A organização é bancada pelos países membros e elege seu Diretor Geral para um período de 6 anos, sendo possível mais de uma reeleição.

Nos 65 anos desde sua fundação, a FAO teve apenas 7 diretores gerais. O atual, Jacques Diouf, do Senegal, está no cargo desde 1993, há 17 anos, e ainda fica mais um porque é no ano que vem, 2011, que se elegerá um novo DG. E o anterior, o libanês Edouard Saouma, também ficou no cargo por 3 mandatos, de 1976 a 1993.

Portanto, ao final da atual gestão, a instituição terá sido dirigida durante 36 anos por dois líderes apenas, um libanês e um senegalês.

Muita coisa mudou na agricultura mundial neste período. Tecnologias explodiram em todos os cantos, reformando sistemas de produção, métodos de cultivo, variedades, etc, e a sustentabilidade ficou essencial.

Há 10 anos, o mundo tinha 800 milhões de famintos e a FAO realizou um grande evento conclamando os países membros a reduzirem este número alarmante à metade, em 15 anos. Muito pouco foi feito e agora há no mundo 1 bilhão de famintos: o número aumentou, em vez de diminuir.

Por que isso? Talvez porque os organismos das Nações Unidas não tenham mais capacidade protagonista de mudar as coisas: os países só fazem aquilo que lhes parece mais importante no nível interno de cada um. É por isso mesmo que a própria ONU não consegue cumprir seu papel de defesa da Paz Universal: basta lembrar a invasão do Iraque, sem falar no que ocorre hoje no Afeganistão, ou no que aconteceu bem perto, em Honduras.

O mesmo se pode dizer da incapacidade da OMC impor suas decisões: estamos aí com o caso do subsídio ao algodão americano se arrastando há quase 7 anos sem solução. O neoprotecionismo derivado da crise financeira recente tira ainda mais o poder destas organizações.

Ora, está na hora de mudar isso, começando com uma grande sacudida na FAO: ela precisa de uma lufada de ar fresco, de idéias novas, ações mais consistentes.

Depois de 18 anos de Ásia e 18 de África, é a vez da América Latina se apresentar para fazer a grande reforma da agricultura mundial. Claro que as regras comerciais ficam ainda na OMC, mas uma política de produção e alimentação efetiva, sem mais testes ou experiências, precisa ser de fato

implementada: é tempo da FAO realmente assumir um papel impositivo no cenário global.

E o Brasil é o país capacitado para isso: não temos que prometer nenhuma esperança, nenhum sonho, nada de quimeras. Basta replicar no mundo em desenvolvimento o que foi feito aqui, nos últimos 15 anos.

Na produção agrícola, nossos saltos foram fantásticos: em grãos, carnes, leite, açúcar e álcool, algodão, na fruticultura, crescemos sempre muito mais que 100%, e em algumas carnes chegamos a 300%, como na produção de frangos. Estas tecnologias são perfeitamente adaptáveis a outros países tropicais.

E nossos programas sociais no mesmo período também trouxeram para o mercado consumidor quase um quarto da população brasileira que se encontrava nas classes D, E e F com uma espetacular migração para a classe C.

Portanto, o Brasil está pronto para liderar duas revoluções globais: a da produção e a da alimentação, seja nos programas agrícolas seja no combate à fome.

É hora do Brasil assumir a FAO.

Temos bala para isso e excelentes candidatos jovens, capazes e prontos.

Precisamos agora de vontade política do governo para esta jornada ter êxito. Ainda que a eleição seja só no ano que vem, quando teremos outro governo, as negociações são lentas e complexas, e precisam ser iniciadas já.

Nossa participação tem sido pífia nos órgãos de comando da FAO, e só recentemente chegamos à direção regional da Instituição para a América Latina, com a designação do ex-ministro José Graziano da Silva para esta função, no escritório do Chile.

Mas precisamos assumir muito mais, levando ao mundo nossas experiências exitosas.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**